

### **A Arquitectura no Lugar da Acção**

Jorge Barreto Xavier  
Director-Geral das Artes

Quando, em 2008, propus ao Ministro da Cultura que a presença de Portugal em São Paulo, na 8ª Bienal Internacional de Arquitectura, correspondesse a um projecto de criação em arquitectura gerador de impactos em lugar específico, mais concretamente, nos cinco países africanos de língua portuguesa, através de propostas para o desenho de escolas, a sua resposta foi imediata, no sentido de avançar.

Manuel Graça Dias foi o comissário convidado. A sua capacidade criativa, o seu percurso como arquitecto, professor e crítico de arquitectura, são elementos que, associados às suas competências como comunicador e líder de equipas, o indicam como referência incontornável do actual panorama da arquitectura portuguesa.

Uma representação oficial em arquitectura pode, sem desmerecer, ser um documento sobre a arquitectura (passada ou presente), uma reflexão, ou uma utopia. Qualquer dessas possibilidades não é menor. Todavia, não foi esse o caminho que decidimos fazer.

Não é limitador de um projecto de criação procurar para o mesmo uma utilidade prévia?

Como se percebe, esta matéria tem diferente valor conforme o campo da pergunta – é questão sujeita a grande polémica, fazê-la no domínio das artes visuais e das artes do espectáculo (para simplificar). Todavia, seria estranho não a colocar nos domínios da arquitectura e do design.

Apesar da crescente tendência para a apresentação de propostas estéticas não funcionais, dificilmente se aceita um objecto de arquitectura ou de design sem utilidade. Sem poder abdicar as respectivas disciplinas das utopias e dos programas “inúteis”, há um momento que será, eventualmente, “o” momento da arquitectura, que é o do construído – potência e acto.

A capacidade crítica, o trabalho de escola, a erudição, a criatividade, a competência técnica, a consciência plástica, as noções sobre o território e a consciência política, todas elas de grande relevância para a arquitectura, têm expressão numa proposição que se materializa.

---

# CINCO ÁFRICAS PORTUGAL\* BIA'09 CINCO ESCOLAS

---

E a materialidade da proposta já não pode, na sua tridimensionalidade, ser como a instalação, a escultura, o monumento, “inútil”. O seu patamar relacional não será, apesar de também poder ser, o da instalação, da escultura, do monumento (actualmente, a arquitectura passa, por vezes, à categoria de “espaço lúdico/monumental urbano” e continua, como sempre, a ser representação de cultura e de poder). Assumindo um espaço próprio para a presença social da arquitectura contemporânea na relação com as artes, pretende-se com a representação oficial portuguesa à 8ª Bienal Internacional de Arquitectura de São Paulo a afirmação da criação em arquitectura na sua relação com o espaço em concreto. Mais do que isso, a sua relação com o lugar. E nessa relação, a convocação da densidade social do lugar.

A história portuguesa com África é uma história grande. Na construção da história do futuro, a arquitectura portuguesa pode ter o seu papel. Como se verá no decurso do catálogo, a influência do trabalho de arquitectura portuguesa em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe marca de forma irrenunciável o século XX. Essa marcação é quase o espaço de liberdade em arquitectura que a então Metrópole não permitia aos nossos arquitectos. Por isso, alguns dos melhores exemplos do Modernismo em arquitectura assinados por portugueses se encontram em África, demonstrando a nossa pertença a esse espaço. Essa pertença deve, pois, ser assim visitada – não como acto colonial, antes como acto relacional.

---